



Direitos Humanos e a circulação de sentidos no contexto da sociedade em mediatização

Human Rights and the circulation of meanings in the context of mediatized society

Ana Isabel Freire Monteiro dos Santos Marinho¹

Ana Paula da Rosa²

Resumo

Este trabalho apresenta discussões iniciais acerca da circulação de sentidos sobre Direitos Humanos no contexto da mediatização. Entendemos Direitos Humanos como uma temática que transita por diferentes campos, sendo apropriada de modos distintos em cada um deles. Buscamos investigar a circulação de sentidos sobre essa temática considerando as dinâmicas de atravessamentos constituídos na nova ambiência da mediatização permeada pela intensa relação entre os discursos simbólicos da sociedade e os discursos midiáticos (FAXINA & GOMES, 2016). Partimos da premissa de que os discursos mediatizados sobre direitos humanos produzem inteligibilidades e sentidos socialmente aceitos e/ou rechaçados em torno desta questão. Na tentativa de compreender as relações complexas que se estabelecem em decorrência do processo de mediatização, propomos um trabalho com foco na circulação, uma vez que esta se constitui como elemento central do processo comunicacional na atualidade (FAUSTO NETO, 2010). Pensar sobre Direitos Humanos no contexto da mediatização remete à problematização de questões e discursos que estão dispersos no tecido social e que circulam de modo peculiar. Embora haja uma ampliação dos espaços de interação mediatizada (BRAGA, 2015) com a emergência das redes sociais, além da possibilidade de criação de diferentes plataformas comunicacionais na internet, é perceptível que discussões sobre Direitos Humanos permanecem ainda, em grande medida restritas a grupos específicos; no entanto, há casos em que tais discussões extrapolam os limites dessa zona habitual de circulação, gerando a conformação de novos circuitos discursivos tanto na mídia hegemônica quanto entre os atores sociais em redes digitais. São esses os casos de interesse desta pesquisa.

Palavras-chave:

Circulação, Direitos Humanos, Mediatização.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS. Bolsista com pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: anaisabel_freire@hotmail.com

² Orientadora. Doutora em Ciências da Comunicação e docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS. E-mail: anaros@unisinos.br



Abstract

This work presents initial discussions about the circulation of meanings about Human Rights in the context of mediatization. We understand Human Rights as a theme that moves through different fields, being appropriated in different ways in each of them. We seek to investigate the circulation of meanings on this theme considering the dynamics of crossings constituted in the new ambience of mediatization permeated by the intense relationship between the symbolic discourses of society and the media discourses (FAXINA & GOMES, 2016). We start from the premise that mediatized speeches on human rights produce intelligibilities and meanings that are socially accepted and/or rejected around this issue. In an attempt to understand the complex relationships that are established as a result of the mediatization process, we propose a work focusing on circulation, since it is a central element of the communication process today (FAUSTO NETO, 2010). Thinking about Human Rights in the context of mediatization refers to the problematization of issues and discourses that are dispersed in the social fabric and that circulate in a peculiar way. Although there is an expansion of spaces for mediatized interaction (BRAGA, 2015) with the emergence of social networks, in addition to the possibility of creating different communication platforms on the internet, it is noticeable that discussions on Human Rights still remain, to a large extent restricted to specific groups; however, there are cases in which such discussions go beyond the limits of this usual circulation zone, generating the formation of new discursive circuits both in the hegemonic media and among social actors in digital networks. These are the cases of interest for this research.

Keywords:

Circulation, Human Rights, Mediatization.

1. Introdução

Pensar sobre circulação de sentidos sobre Direitos Humanos em um contexto crescentemente marcado por operações de midiatização demanda um trabalho de revisão constante do planejamento da pesquisa. A investigação aqui proposta está centrada em um caso midiatizado tomado como operador para se discutir a circulação da temática Direitos Humanos na sociedade contemporânea. Opto pela análise de um caso midiatizado por entender que este possibilita alcançar a complexidade das múltiplas processualidades que envolvem tanto os meios quanto as instituições e atores sociais, tal como afirma Weschenfelder (2019).

Para entender de que modos instituições midiáticas, midiatizadas e atores sociais fazem circular entendimentos múltiplos sobre a temática dos Direitos Humanos em um contexto de midiatização, faço inicialmente um recorte do caso Marielle Franco, abordado aqui do ponto de vista jornalístico, social, político, jurídico e que está em vias de se tornar



caso de investigação acadêmico-científica. Opto por este caso por sua ampla visibilidade, por ter movimentado o debate social acerca dos Direitos Humanos e ainda permanecer em discussão por longo período.

Este caso constitui um dos fenômenos recentes de maior destaque no Brasil: o assassinato da vereadora Marielle Franco³, eleita em 2016 pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSol), do Rio de Janeiro. Na noite de 14 de março de 2018, a vereadora e seu motorista, Anderson Pedro Gomes, foram assassinados em um atentado ao carro em que estavam, atingido por 13 tiros de pistola 9mm.

Socióloga e mestre em Administração Pública, Marielle foi presidente da Comissão da Mulher da Câmara de Vereadores, trabalhou em organizações da sociedade civil como a *Brasil Foundation* e o Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm), além de ter coordenado a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj). O caso do assassinato da vereadora teve repercussão mundial e ampla cobertura da imprensa, de organizações de defesa aos direitos humanos, bem como suscitou debates entre atores sociais. O destaque dado ao caso não se restringiu ao crime ocorrido, mas também a discussões acerca do trabalho de ativistas de direitos humanos, bem como da percepção da sociedade brasileira em relação à temática.

Em um contexto fortemente marcado por caracteres de polarização, chama atenção neste caso os modos como a temática dos direitos humanos pode assumir distintos sentidos a depender dos atores e/ou instituições que dela se apropriam. Ou, como os processos midiáticos em torno do caso Marielle, que são processos difusos e heterogêneos, fazem emergir sentidos sociais específicos sobre os direitos humanos, levando a possíveis ressignificações, transformações, disrupções dos sentidos “canônicos” atribuídos à temática pelas instituições civis e democráticas.

É importante entender que essa possibilidade de ressignificações e transformações dos sentidos é uma característica dos Direitos Humanos, que são, desde sua origem, marcados pelos caracteres da transitoriedade, da mudança, da adaptabilidade ao contexto. Isto fica evidente a partir de Flores (2009) que apresenta o entendimento dos direitos humanos como processos e não como direitos propriamente ditos, uma vez que, segundo ele, devemos atentar para seu caráter provisório, que resulta das lutas que se estabelecem em sociedade para que possam ser colocados em prática. O autor afirma ainda que os direitos se estabelecem apenas após o acesso aos bens exigíveis para que se possa viver de forma digna, tais como expressão,

³ www.mariellefranco.com.br/

cidadania, educação, convicção religiosa, moradia, trabalho, meio ambiente, etc. e, nesse sentido, falar de direitos humanos é falar de dinâmicas sociais que irão construir as condições materiais e imateriais para que alcancem determinados objetivos genéricos que estão fora do direito. “[...] os direitos humanos seriam os resultados sempre provisórios das lutas sociais pela dignidade” (FLORES, 2009, p. 31).

É preciso evidenciar que o foco da investigação é a problemática da circulação na ambiência da midiatização, tomando o debate sobre Direitos Humanos como ponto de partida para essa discussão.

2. Apontamentos teóricos

As principais interfaces teóricas mobilizadas aqui são midiatização, circulação, circuitos e acontecimento, sendo a primeira tomada como conceito cenário e objeto, fonte da problemática de construção da pesquisa, ou nos termos apresentados por Braga (2019, p. 54), “como material flexível a ser ajustado e transferido, reflexivamente, para esse trabalho”; e as demais, a partir das motivações do objeto, irão suscitar mais tensionamentos.

É no contexto das relações e atravessamentos constituídos na ambiência da midiatização que busco analisar a circulação de sentidos acerca dos Direitos Humanos, temática que suscita debates e entendimentos em múltiplos campos. Segundo Xavier (2014, p. 44), o processo de midiatização provoca uma redefinição do desenho social dos campos quando, a partir de uma dinâmica de atravessamentos, os espaços antes bem definidos, se reconfiguram. Nas palavras da autora: “[...] a medida que a mídia vai povoando os espaços fronteiriços, passa a se expandir, extrapolando limites até então bem estabelecidos e criando outros modos de se relacionar com tais campos hipoteticamente preservados”.

Verón (2004) argumenta que o acelerado processo de midiatização da sociedade suscita o funcionamento de significantes cada vez mais complexos. Essa complexidade pode ser percebida não apenas nas instâncias de produção e reconhecimento, mas principalmente no âmbito da circulação, compreendida aqui como este espaço rico em potencialidades de observação das interações entre os atores sociais e onde se concretizam os complexos jogos de negociação entre oferta e reconhecimento, entre produtores e receptores, como diz Fausto Neto (2010).

Deste modo, a produção simbólica se reconfigura na ambiência complexa da midiatização na medida em que instituições não-midiáticas e mesmo atores sociais não estão



restritos ao campo do reconhecimento, podendo ser também produtores, movimentando assim um interessante espaço de disputas de sentidos na sociedade.

Na tentativa de compreender as relações complexas que se estabelecem em decorrência do processo de midiatização, busco realizar um trabalho analítico com foco na circulação, uma vez que, em acordo com Fausto Neto (2010, p. 12), esta se constitui como elemento central do processo comunicacional na atualidade:

A circulação ao deixar de ser uma problemática de intervalos entre elementos de um determinado processo de comunicação, passa a se constituir em um dispositivo central, uma vez que as possibilidades e a qualidade das interações sócio-discursivas se organizam cada vez mais em decorrência da natureza do seu trabalho em dar forma à arquitetura de processos comunicacionais.

Ferreira (2013) aponta que no processo de constituição dos circuitos, tanto aqueles que estão inscritos nos dispositivos, como os que não estão, são chamados a interagir com as produções simbólicas construídas no interior dos dispositivos, constituindo por sua vez, novos circuitos discursivos, alimentando o processo; essa relação de interação entre os circuitos é, de acordo com o autor, um pré-requisito socioantropológico da midiatização.

É importante ressaltar que, de acordo com Braga (2017, p.50), a partir do entendimento de que os receptores são ativos, “a circulação passa a ser vista como o espaço do reconhecimento e dos desvios produzidos pela apropriação. [...] Torna-se, portanto, um espaço de maiores possibilidades de ocorrência interacional, na prática; e de descobertas, na investigação.” O autor aponta ainda que, no processo de circulação, a reiteração de conexão e o tensionamento entre diferentes episódios possibilitarão o desenvolvimento de lógicas articuladoras entre dispositivos interacionais.

Tal afirmação nos permite inferir que atores de diferentes campos se apropriam de modos distintos dos produtos simbólicos, dando a eles novos contornos, em um processo de fazer seguir adiante o fluxo comunicacional, como explica Braga (2012, p. 39):

[...] indo além das relações diretas entre produtor e receptor, importa o fato de que este último faz seguir adiante as reações ao que recebe. Isso decorre não apenas da presença de novos meios, mas também de que os produtos circulantes da “mídia de massa” são retomados em outros ambientes, que ultrapassam a situação de recepção (o espectador diante da tela).

Neste ponto, destaco o pensamento do referido autor (2015, p. 26), quando aponta que nos encontramos em meio a “uma pluralidade de experimentações interacionais e de geração



de circuitos, na sociedade, originadas de setores e campos os mais diferenciados”; é nesse sentido que considero importante o segundo nível de aprofundamento por ele sugerido, pois quando proponho analisar os circuitos que se constituem na dinâmica da circulação de sentidos sobre Direitos Humanos, falo de processos em vias de desenvolvimento, tentativos, que poderão (ou não) tornarem-se lógicas interacionais à disposição da sociedade.

Busco investigar como a emergência de múltiplos circuitos no contexto de discussão do caso constitui marcas desses processos tentativos. No processo de constituição dos circuitos se materializam os embates e disputas de sentidos; os tensionamentos aí presentes ocorrem a partir dos diferentes níveis de conexão entre os diferentes dispositivos interacionais que passam a direcionar o fluxo comunicacional (BRAGA, 2017).

Destaco também o pensamento de Rosa (2018, p. 235) que defende que “a circulação é um conceito central para se pensar, hoje, a comunicação”. As diversas experiências da vida cotidiana trazem em si as marcas de uma sociedade permeada por uma “cultura de mídia”, numa expressão de Fausto Neto (2008), onde os eventos ou acontecimentos estejam ligados à vida pública ou privada são pensados para serem midiáticos. Conforme diz a autora, “[...] a circulação é um momento invisível de articulação ou embate entre produção e reconhecimento, mas que vai além de um intervalo, sendo possível seguir os rastros das materialidades, e assim, entender o sentido em movimento e dinamicidade [...]” (ROSA, 2018, p. 235).

Ao defender também que a circulação implica um processo de atribuição de valor, a autora sinaliza para a ideia de que o processo de circulação não ocorre automaticamente, não sendo também determinado pelas tecnologias, mas pelos sujeitos com seus múltiplos interesses e pontos de vistas; assim, é possível pensar também nesse aspecto da atribuição de valor na discussão do conceito de circulação em relação com os Direitos Humanos, ou seja, que valores são movimentados de modo a fazer circular determinados discursos e não outros?

As discussões de Ferreira (2018) são também importantes uma vez que o autor aborda a comunicação como um processo de incompletudes e incertezas ao falar sobre os fluxos comunicacionais e defini-los como um “processo que pode ser analisado enquanto circulação de meios tecnológicos, semióticos e sociais” (2018, p. 362). Ao dizer isso, Ferreira evidencia como não se tem controle sobre a circulação, sobre os pontos que são articulados; os atores põem em fluxo um funcionamento, mas não tem controle sobre o que se passa em cada parte da dinâmica do processo comunicacional. Mas, há outros aspectos igualmente interessantes abordados pelo autor e que chamaram a atenção: o primeiro remete ao questionamento sobre

como a sociedade constrói seus temas sociais nas interações entre atores, instituições e meios?, e o segundo que remete à sua constatação de que no atual contexto é fundamental que façamos uma mudança de perspectiva, deslocando os objetos de investigação “dos conteúdos e representações para as operações, esquemas e sistemas autopoieticos” (FERREIRA, 2018, p. 364).

No que tange à interface com os estudos sobre acontecimento, destaco Quéré (2005) que afirma que os acontecimentos não apenas se produzem no tempo, mas também dão o tempo a ver, ou seja, não se restringem ao momento ou às circunstâncias de sua ocorrência, mas movimentam no tempo e no espaço, dando a ver experiências passadas e se alongando para o futuro de modo não previsível.

Ainda sobre essa temática, França (2012) sinaliza que o acontecimento pode contribuir para a criação de novos sentidos, assim como para o desencadeamento de outro campo de ação, como evidenciado no trecho a seguir:

Ao quebrar a normalidade e a sequência natural das coisas, o acontecimento alarga o horizonte do possível, aponta alternativas impensadas, convoca passados esquecidos e abre o presente para novos futuros possíveis. Esta é a perspectiva que nos interessa e provoca nossa reflexão: tomar o acontecimento como momento de ruptura e de reorganização, como ocorrência que afeta indivíduos e coletividades, que é ordenado através de narrativas, que convoca e constitui públicos específicos, que descortina campos problemáticos e reorganiza a invenção dos sujeitos sociais. (FRANÇA, 2012, p. 9).

Quéré (2005, p. 67) diz que “o acontecimento passará a projetar um sentido novo sobre o mundo. Sentido do qual ele será a origem”; França (2016) afirma que o acontecimento oferece ainda elementos teóricos para se questionar os sentidos sociais produzidos e que estão em circulação a partir de uma ocorrência determinada. No caso a ser analisado nesta pesquisa, entendo que tais ideias se concretizam a partir dos questionamentos que o caso suscita e que atravessam campos tais como o midiático, social, político, jurídico, étnico-racial, em ações que se concretizam a partir da apropriação das lógicas dos processos midiáticos, que dão a esta ocorrência características de um acontecimento midiaticizado.

3. Operações inferenciais

Ginzburg (1989) afirma que: “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”. Abro esta seção com esta citação para sinalizar a

escolha do paradigma indiciário como direcionador das operações analíticas uma vez que este sugere a busca e identificação dos traços que caracterizam o objeto a partir dos indícios. Mas os indícios por si só não são suficientes para se chegar a conclusões acerca dos problemas investigados; é preciso, como defende Braga (2008), fazer relações, articulações entre as pistas, ou seja, fazer inferências.

Para tanto, buscarei compreender, a partir da observação e descrição dos materiais selecionados, suas lógicas, as articulações e relações que fazem com o contexto, também dando atenção ao fato de que

[...] os indícios não remetem ‘de modo direto’ à realidade a ser capturada. É do conjunto de indícios relacionados pela pesquisa que se podem inferir lógicas, processos e estruturas que caracterizam o caso. Eventualmente alguns indícios podem parecer irrelevantes – e só adquirem valor indiciário por sua articulação com os demais. (BRAGA, 2008, p. 81)

Apóio-me também em Ferreira (2016, p. 206) quando expõe que: “[...] na análise das interações comunicacionais em rede é impossível antecipar a especificidade dos circuitos, dos ambientes de interação, dos novos paradigmas de interação que emergem, das narrativas reconstruídas, dos pontos de bifurcação, a sucessão de bifurcações, as defasagens decorrentes, os trajetos e vias dominantes, as subordinadas que as alimentam etc. Por isso, a importância das operações analógicas.”.

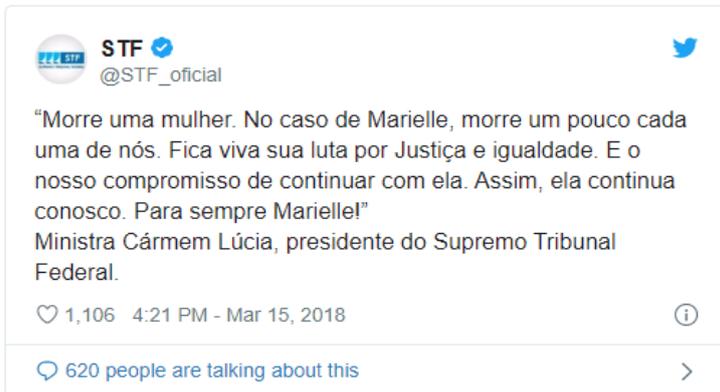
Como forma de ilustrar algumas das operações realizadas até aqui, trago alguns recortes do material empírico observado. Inicialmente, me detive à observação e descrição das operações discursivas presentes nas publicações noticiosas dos portais *G1* e *El País* nos dias 14 e 15 de março de 2018.

Nas notícias publicadas no portal G1, é possível perceber a predominância de narrativas declaratórias, que se sustentam em falas de autoridades, evitando associar o crime a um ato de execução política, hipótese levantada por partidários de Marielle Franco. Dentre os personagens em destaque estão autoridades do campo político e jurídico ligados a setores mais conservadores da sociedade, com poucas inserções de falas de atores do campo progressista, restritas a declarações do deputado federal Marcelo Freixo (PSol/RJ).

Outra operação recorrente do veículo é a dispersão com relação ao tema “Direitos Humanos”, abordado de modo genérico, como no exemplo abaixo, onde o portal utiliza uma postagem do Twitter do Supremo Tribunal Federal, com uma frase proferida pela Ministra Cármen Lúcia, presidente do STF referindo-se à Marielle como alguém que lutava por “Justiça e igualdade”, ou ainda quando o veículo utiliza-se da expressão como um termo

qualificador para Marielle, descrita como “mulher, negra e ativista pelos direitos humanos”, como apresentado abaixo em fala da senadora Marta Suplicy (PSDB/SP).

Figura 1: Trechos de reportagens do portal de notícias G1



RIO DE JANEIRO

- **Marta Suplicy (PMDB-SP), senadora** - A senadora Marta Suplicy comentou o assassinato de Marielle Franco no plenário do Senado nesta quinta-feira (15). "Esse ato é uma provocação. Nós estamos no mês da mulher e nós estamos com uma intervenção no Rio de Janeiro. Não foi à toa que Marielle foi escolhida. Ela foi executada! Agora, Marielle não é uma política qualquer, não é uma mulher qualquer. Marielle tinha um símbolo: ela tinha o símbolo da negritude, o símbolo da coragem e o símbolo dos direitos humanos. Isso pode ser lido de outra forma, que não é à toa."

Interessante notar a ocorrência de episódios de circulação intra e intermediária (FERREIRA, 2013) nas produções do portal que utiliza de modo recorrente declarações postadas em redes sociais para compor suas reportagens; inclusive para a construção do perfil de Marielle como ativista são utilizadas postagens antigas de seu perfil no Facebook e Twitter a fim de exemplificar as pautas que defendia. Ainda nesse sentido, observo também um uso exacerbado da imagem da ativista em detrimento de suas falas: Marielle tem rosto, mas não tem voz, passa a ser construída a partir de falas de outros sujeitos, nesse caso os sujeitos são majoritariamente autoridades do campo conservador, com poucas inserções de movimentos e coletivos sociais, que aparecem de modo esporádico, disperso e com menor destaque.

No caso do portal *El País Brasil*, as reportagens apresentam o acontecimento inserido no contexto social e político da cidade do Rio de Janeiro, especialmente à situação de intervenção federal na segurança pública, dando destaque para o papel simbólico da ativista,

relacionando-a especificamente a lutas pelos direitos humanos de populações periféricas e mais vulneráveis, como no exemplo abaixo:

Figura 2: Trecho da reportagem do portal El País Brasil publicada em 15 de março de 2018.

≡ EL PAÍS BRASIL

Negra, favelada, defensora dos direitos humanos, eleita pelo partido de esquerda, PSOL. A vereadora carioca de 38 anos dava voz aos movimentos sociais e aos moradores das comunidades, que se sentiam constrangidos por forças policiais. Sabia que integrava o grupo mais vulnerável do Brasil, um país onde jovens negras têm duas vezes mais chances de morrer. Sua execução veio confirmar a trágica estatística [levantada pelo Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência](#), divulgado pela Unesco, no final do ano passado. “Cria da favela da Maré”, como gostava de dizer, Marielle criticava a intervenção do Exército para conter a violência pois abriria caminho para legitimar abusos que já eram cometidos nas comunidades mais carentes. “Esse medo, esse desespero, a iminência de um confronto, é onde corta na nossa carne”, disse ela numa entrevista à agência Pavo, reproduzida pela Ponte Jornalismo.

Neste exemplo identificamos também o modo como o veículo associa Marielle a um segmento específico de defesa pelos Direitos Humanos, apontando-a como ativista que “dava voz aos movimentos sociais e aos moradores das comunidades, que se sentiam constrangidos por forças policiais”. Assim como ocorre no G1, é possível perceber casos de circulação intermediária no portal, com destaque para aspectos de tensão gerados pelo acontecimento, como reações de grupos antagônicos (num contexto pré-campanha presidencial).

Em uma das reportagens, é trazido à cena o contexto de polarização que frequentemente se manifesta nas redes sociais e que teve sua “fábrica de ódio” fechada por algumas horas em razão do assassinato da vereadora, mas cujas disputas foram retomadas a partir de postagens como a do Movimento Brasil Livre, como constam nas imagens a seguir:

Figura 3: Reportagem do portal El País abordando a repercussão do assassinato da vereadora nas redes sociais.

CASO MARIELLE FRANCO >

Em respeito a Marielle Franco, as fábricas de ódio do Facebook fecham por algumas horas

A polarização habitual das redes pareceu recuar ante o luto pela vereadora assassinada, inclusive nas páginas mais militantes

TOM C. AVENDAÑO | FERNANDA BECKER
São Paulo - 15 MAR 2018 - 16:49 BRT



LEO CORREA (AP)

MBL - Movimento Brasil Livre
há cerca de um ano



Sim, todos os homicídios no Brasil são políticos. Todos os mais de 60 mil.

21 mil
1,2 mil
33 mil

Considerações finais

É preciso destacar que as reportagens descritas compreendem apenas dois dias, sendo o dia do assassinato e o dia seguinte, de modo que em sua maioria, tais publicações deram maior destaque para aspectos factuais. Com a continuidade das leituras, acredito que será possível identificar singularidades acerca do caso e de como este atua como operador para a discussão sobre Direitos Humanos, que deverão ser explorados em trabalhos posteriores.

As discussões expostas neste texto são ainda iniciais e nos apontam alguns caminhos para o prosseguimento da pesquisa. São indícios de alguns modos possíveis para interpretação desse complexo cenário midiático que envolve a relação entre a temática dos Direitos Humanos e o campo comunicacional. Diante do que foi exposto, evidencio a necessidade de aprofundamento das análises, com vistas a capturar as delicadas operações que se concretizam a partir dos atravessamentos entre as discussões de distintos campos, dando a ver os múltiplos sentidos que emergem no contexto deste caso midiático.

Referências

BRAGA, J. L. Para começar um projeto de pesquisa. **Comunicação & Educação**, v. 10, n. 3, p. 288-296, 30 dez. 2005. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37542/40256> > Acesso em: 07 jan. 2020.



_____. Comunicação, disciplina indiciária. In: **Matrizes** / Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 73-88, abr. 2008. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/38193/40936/>>
> Acesso em 08 jan. 2020.

_____. Circuitos versus campos sociais. In: **Mediação e Mdiatização**. Org. Maria Ângela Mattos [et. al.]. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

_____. Lógicas da mídia, lógicas da midiatização? In: **Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones**. (Org.) Antônio Fausto Neto, [et.al.], Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, Rosario, 2015. Disponível em <<http://rephip.unr.edu.ar/handle/2133/4965>>
Acesso em: 23 maio 2019.

_____. Circuitos de Comunicação. In: **Matrizes Interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. 1. (Org.) José Luiz Braga, [et.al.], ed. Campina Grande: EDUEPB - Editora da Universidade Estadual da Paraíba, 2017. v. 2., p. 43-64.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma "analítica" da midiatização. In: **Matrizes** / Revista de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38194/40938>> Acesso em: 16 jul. 2019.

_____. As bordas da circulação... In: **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 10, n.20, p. 55-69, jan./jun. 2010. Disponível em <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Neto.pdf>
Acesso em 21 out. de 2018.

_____. A circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, Antonio; VALDETTARO, Sandra (Org.) **Mediatización, Sociedad y Sentido: diálogos entre Brasil y Argentina**. Rosário, Argentina. Departamento de Ciencias de la Comunicación, Universidad Nacional de Rosário, 2010, p. 2-15. Disponível em <<https://fcpolit.unr.edu.ar/wp-content/uploads/Mediatizaci%C3%B3n-sociedad-y-sentido.pdf>> Acesso em: 25 jun. 2017.

FERREIRA, J. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, J. L. [et al.]. **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2013.

FERREIRA, J. Genealogia dos meios e materialização das experiências mentais: perspectivas para pensar a midiatização. In: **Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiatização?** (Org.) Jairo Ferreira [et al.]. Santa Maria: FACOS - UFSM, 2018. Disponível em <<http://midiaticom.org/files/entreoquesedizeoquesepensa.pdf>> Acesso em 20 nov. 2019.

FLORES, J. H. **A (re)invenção dos direitos humanos**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009. Disponível em <<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/10919/1/Os%20direitos%20humanos%20na%20p%C3%B3s-modernidade.pdf>> Acesso em 30 out. de 2018.

FRANÇA, V. R. V. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: **Acontecimento: reverberações**. (Org.) Vera Regina Veiga França, Luciana de Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.



_____; LOPES, S. C. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. In: **COMPOS** - XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, 2016. Disponível em <
http://www.compos.org.br/biblioteca/metodologia_acontecimento_final_comautoria_3366.pdf
> Acesso em: 8 jan. 2020.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

QUÉRÉ, L. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. In: **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, [S.l.], n. 6, p. 59-76, 2005.

ROSA, A. P da. Show tributo como catarse coletiva: a presentificação dos atentados. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 03, pp. 227-242, dez. 2018/ mar. 2019. Disponível em <
<http://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/19474> > Acesso em: 13 dez. 2019.

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2004.

WESCHENFELDER, A. **Manifestações da midiaticização transformação dos atores sociais em produção e recepção: o caso Camila Coelho**. Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, 2019. Disponível em <
http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/7970/Aline%20Weschenfelder_.pdf?sequence=1&isAllowed=y > Acesso em: 05 jan. 2020.

XAVIER, M. P. **A consulta transformada: experimentações de dispositivos interacionais "psi" na sociedade em midiaticização**. Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo: Unisinos, 2014. Disponível em
<<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4774/monalisaXavier.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 30 jun. 2017.